



# TECNOLOGIA E SUBJETIVIDADE: IMPACTOS DO USO DO CELULAR NO COTIDIANO DE ADOLESCENTES<sup>1</sup>

Samara Sousa Diniz Soares<sup>2</sup>  
Gislene Clemente Vilela Câmara<sup>3</sup>

---

**RESUMO:** O trabalho realizado teve como objetivo conhecer os impactos do uso do celular no cotidiano de adolescentes na faixa etária entre doze e dezoito anos. Para alcançar o objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa de campo de cunho exploratório com sessenta e um adolescentes, de ambos os sexos, residentes na cidade de Belo Horizonte ou em alguma das cidades que compõem a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário composto por vinte e uma perguntas fechadas e as informações obtidas tiveram tratamento estatístico. Os resultados apontaram que os adolescentes passam mais da metade de seu dia conectados à internet e atribuem ao telefone celular um lugar de muita importância em sua existência chegando a estabelecer com ele uma relação de dependência. Sinalizaram também que o acesso ao telefone celular tem ocorrido ainda na infância, que sua posse independe de classe social, que este dispositivo tem assumido diferentes funções na vida dos adolescentes contemporâneos e que eles têm usado principalmente a via digital para comunicar-se ocasionando a diminuição da relação face a face. A partir dos resultados encontrados é possível constatar que a utilização das novas tecnologias tem como efeito a produção de novos modos de subjetividade e comportamentos, fato que tem impactado diretamente na atuação do profissional de Psicologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Telefone celular; Internet; Adolescentes; Novos modos de subjetividade. Prática psicológica.

---

## 1 INTRODUÇÃO

A realidade virtual proporcionada pelo desenvolvimento e uso das novas tecnologias, tem ocupado um lugar de destaque na sociedade contemporânea por se tratar de um fenômeno sociocultural específico e emergente que vem se mostrando cada vez mais presente na vida cotidiana das pessoas por todo o planeta.

Dentre as várias possibilidades e formas de comunicação humana, a que tem ganhado ênfase atualmente é a comunicação multimídia, pois condensa em si as três formas principais de comunicação: a oral, a escrita e a visual (BRIGGS; BURKE, 2006). Esse tipo de comunicação que apela simultaneamente para os olhos e os ouvidos, combinando mensagens verbais com não verbais, musicais e visuais, tem se materializado no cotidiano das pessoas por meio dos computadores, celulares, *tablets*, *laptops* e outros dispositivos tecnológicos. Ao andarmos

---

<sup>1</sup> Artigo desenvolvido a partir da Monografia apresentada ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

<sup>2</sup> Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

<sup>3</sup> Mestre em Psicologia e professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

pelas ruas, *shopping centers*, escolas, bares, hotéis e universidades é comum observarmos pessoas com esses dispositivos em mãos, principalmente o celular, representante principal da comunicação móvel terrestre.

A primeira experiência considerada como comunicação móvel terrestre ocorreu em 1921, em Detroit, nos Estados Unidos. Tratava-se do uso de rádio em viaturas móveis, por meio do qual os policiais mantinham-se em constante contato com a central de comando. Nesse sistema, apenas uma pessoa podia se comunicar por vez, porém, mesmo diante das limitações apresentadas, rapidamente percebeu-se que as tecnologias de comunicação móvel eram de grande aplicabilidade para diversas atividades humanas. Diante disso, houve a integração entre os sistemas móveis de comunicação e a telefonia. Em 1945, os laboratórios Bell, também nos Estados Unidos, iniciaram um programa experimental voltado para a telefonia móvel e, em 1947, foi inaugurado o primeiro sistema móvel de maior amplitude (HAYKIN, 2008).

Desde então, a comunicação móvel foi sendo aperfeiçoada. O grande ápice do modelo tecnológico até então utilizado veio em 1969, quando foi criado o sistema *Improved Mobile Telephone System* (IMTS), que era um transmissor potente, que funcionava como uma “antena”, instalado no centro da área a ser coberta ou em um local elevado para propiciar melhor dispersão das ondas. Porém, devido à limitação de cobertura apresentada pelo IMTS norte-americano, outros sistemas de telefonia celular foram desenvolvidos e, em 1983, entrou em operação o primeiro sistema de telefonia celular norte-americano que ficou conhecido como *Advanced Mobile Phone Service* (AMPS). Através deste sistema de telefonia, seria possível a utilização de vários transmissores, que atendiam regiões menores, denominadas “células” – daí o nome “telefonia celular”. Entretanto, todos esses sistemas de telefonia móvel analógico citados acima foram substituídos pelo Sistema Móvel Global em 1988, quando foi implementado na Europa o primeiro sistema de telefonia digital, conhecido como *Global System for Mobile Communications* (GSM). “O padrão GSM obteve aceitação mundial como o primeiro sistema celular digital com modernos recursos de rede estendidos a cada usuário móvel” (RAPPAPORT, 2009, p. 6).

Segundo Di Rocha (2014), especialista em redes, a telefonia móvel foi introduzida no Brasil em 1972, ainda com o sistema IMTS, padrão anterior à tecnologia celular propriamente dita. Esse sistema foi inicialmente testado em Brasília, onde permaneceu ativo até 1989. Mas, foi um fracasso do ponto de vista comercial, atendendo no seu ápice entre 150 e 200 terminais. Já a telefonia celular de fato foi introduzida no país em 1984, com o sistema americano analógico, o AMPS. Posteriormente com o aumento da demanda, o Ministério das Comunica-

ções expandiu a banda de frequência para o sistema móvel celular e utilizou o padrão E-AMPS (*Extended AMPS*).

A primeira cidade brasileira a contar com telefonia móvel celular foi o Rio de Janeiro, em 1990. Posteriormente, em 1991, o sistema foi implantado também em Brasília (Telebrasil) e, depois em Campo Grande, Belo Horizonte e Goiânia. Em 1993, houve a inauguração da telefonia móvel celular em São Paulo e, em novembro deste mesmo ano, a Telesp Celular lançou o primeiro sistema digital de telefonia celular. Em 1997, foi inaugurado em Brasília o primeiro serviço celular digital nacional e, em maio deste mesmo ano, foram ativados os primeiros celulares digitais da região metropolitana de São Paulo (DI ROCHA, 2014).

A abertura do mercado de telefonia móvel em 1997 propiciou a entrada de diversas novas operadoras no país, acirrou a competição e terminou por baixar os preços de acesso à telefonia celular. Mas foi com a implantação do sistema pré-pago de telefonia que finalmente se tornou possível uma rápida expansão do número de terminais em operação. “A tecnologia 3G (terceira geração), que permite o acesso em banda larga através de dispositivos móveis, teve um lançamento massivo no ano de 2008 no Brasil” (LEMOS; JOSGRILBERG, 2009).

Desde a descoberta dos sistemas móvel de comunicação terrestre via ondas eletromagnéticas, a modernização das tecnologias utilizadas ocorreu de forma rápida, contínua e sempre com o objetivo de melhor atender aos seus usuários. E, essa evolução foi promovida e fomentada mediante a criação do telefone celular.

A capacidade de fornecer comunicações sem fio a uma população inteira só foi concebida quando os laboratórios Bell desenvolveram o conceito de celular nas décadas de 1960 e 1970. Com o desenvolvimento de hardwares de radiofrequência altamente confiáveis, em miniatura e estado sólido nos 1970, nascia a era das comunicações sem fio. (RAPPAPORT, 2009, p. 1).

### O telefone celular é

um aparelho de comunicação por ondas eletromagnéticas que permite a transmissão bidirecional de voz e dados utilizáveis em uma área geográfica que se encontra dividida em células, cada uma delas servida por um transmissor/receptor. (RIBEIRO, 2012, p. 16).

Desde que o celular foi inventado, tem havido uma enorme atividade em todo o mundo para o desenvolvimento de sistemas pessoais sem fio cada vez mais sofisticados e o crescimento explosivo vivido pela indústria de comunicações por celular tem demonstrado que este tipo de comunicação é de grande aceitabilidade social.

As transformações sofridas pelo telefone celular ao longo de sua história têm feito com

que esse dispositivo ocupe um papel diferente na sociedade contemporânea se comparado à época de sua criação. O desenvolvimento de sistemas sem fio e de padrões mais novos para outros tipos de tráfego de telecomunicação, tem feito com que o conceito de celular mude. A voz foi um elemento essencial no início de todo o processo da comunicação móvel, não somente no Brasil, mas em todo mundo, pois proporcionou uma revolução na forma de comunicação até então existente. Entretanto, com o desenvolvimento de novas tecnologias e a criação de serviços de compartilhamento de áudio, vídeo e fotos, outras funcionalidades foram sendo incorporadas ao telefone celular retirando deste objeto a função de comunicação por voz apenas (RAPPAPORT, 2009). Ao adquirir um telefone celular atualmente, os usuários buscam um dispositivo que possibilite o acesso a diversos aplicativos por meio do acesso à internet. Os celulares atuais são verdadeiros minicomputadores e, nesse contexto, os usuários estão pulando rapidamente dos serviços de voz para os de dados.

Como resultado deste cenário e do aumento constante do consumo de telefone celular, há no mundo, atualmente, mais de sete bilhões de celulares em uso, quase se equiparando ao número de habitantes do planeta, segundo pesquisa da União Internacional de Telecomunicações (UIT) (JÚNIOR, 2015). Outro dado relevante é o papel que países emergentes como o Brasil desempenham neste cenário, pois ainda segundo a UIT, nestes estão a maioria dos celulares em uso em todo o planeta. Segundo a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), o Brasil registrou em julho de 2015, 281,45 milhões de linhas ativas na telefonia móvel e teledensidade de 137,65 acessos por 100 habitantes (ANATEL, 2015).

Além da assimilação e aceitação quase que em massa por parte da população nacional e mundial do telefone celular, é possível perceber que os jovens ocupam um lugar de destaque em relação à posse e uso deste equipamento. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre os anos de 2005 e 2011, o percentual de pessoas com dez anos ou mais de idade que tinham celular para uso pessoal no Brasil aumentou em 59,7 milhões de pessoas e o grupo de idade entre 10 e 19 anos, representa 77,5% dos pesquisados que utilizam e possuem este dispositivo. Ainda segundo este instituto, a faixa etária que mais acessa a internet está entre 15 e 17 anos, seguida respectivamente, por 18 e 19 anos; 10 e 15 anos. E a partir de 20 anos até 50 ou mais é possível perceber um decréscimo no uso da internet (IBGE, 2013).

Estes adolescentes digitais compõem a chamada Geração Y+1 que está permanentemente disponível para a interação *on-line* (tradução literal: em linha). Esta disponibilidade constante é facilmente administrada pelo adolescente, diferentemente do que acontece entre as populações mais velhas, pois a dimensão do compromisso para o adolescente, a priori, foi

substituída por uma relação permanente mediada por tecnologia (PRIMI, 2013).

Mamede-Neves (2006), professora universitária, psicóloga e pesquisadora das relações da juventude com a mídia, reitera que a internet para os adolescentes digitais, diferentemente dos adultos, é desejada, buscada e vista como “amiga” e, a partir disso, esta autora cita alguns motivos pelos quais a internet ocupa um lugar de destaque na vida destes jovens. Dentre eles, está o oferecimento de trilhas que incentivam a curiosidade e acendem a paixão de aprender, assim como o desejo de conhecer, ambos representantes da falta, sentida não como algo que não se tem, mas como uma força que impulsiona a seguir nos *links* que vão se desdobrando numa aventura que dá a ilusão de infinitude. Aliado a isso, está a permissão do estabelecimento de relações que minimizam a solidão e porque ela é um espaço em que a ilusão da acolhida está sempre presente, parecendo estar sempre disponível dando a ilusão de que há afeto nos seus ícones e *links*.

O adolescente, diferentemente do adulto, também não tem medo de experimentar e de entrar no desconhecido. Diante disso, estes ficam mais expostos às possibilidades e experiências proporcionadas pelo uso da internet, vivendo assim experiências variadas, como por exemplo, a ilusão do exercício de sua autonomia, porque se sente como andando sozinho através das páginas infinitas, a ideia de que está em um espaço mágico de compreensão dos seus próprios desejos, de proteção quanto à sua verdadeira imagem e identidade. Além destes sentimentos, o adolescente por meio da fluidez virtual, experimenta a sensação de ter o pleno controle do objeto e, conseqüentemente, de sua vida (MAMEDE-NEVES, 2006).

Nesse sentido, diante da vastidão e emergência do tema, o presente trabalho privilegiou como foco de estudo o telefone celular e os impactos de seu uso no cotidiano dos adolescentes na faixa etária entre doze e dezoito anos. O telefone celular foi escolhido por se tratar de um dispositivo móvel hiper-pessoal onde cada pessoa possui o seu e o utiliza exclusivamente (LE MOS; JOSGRILBERG, 2009) e pelo fato de que este aparelho encontra-se sempre em companhia do sujeito. Quanto ao recorte da população, privilegiaram-se os adolescentes pelo fato de serem eles os maiores usuários deste tipo de tecnologia.

Diante das mudanças apontadas em relação à posse e uso do telefone celular por parte dos adolescentes, surgiram as seguintes indagações: será que o telefone celular tornou-se um aparelho indispensável à vida cotidiana dos dias atuais? Tem se estabelecido uma relação de dependência com este aparelho? Seu uso pode impactar diretamente no cotidiano destes adolescentes? Além disso, a sua utilização pode ter como efeito a produção de novos modos de subjetividade e comportamentos?

Frente a estes questionamentos e a partir de um levantamento teórico sobre o tema, o

presente trabalho objetivou conhecer o lugar que o celular vem ocupando na vida de adolescentes nesta faixa etária; refletir sobre as ressonâncias do seu uso na produção de novos modos de subjetividades assim como discutir sobre a atuação do profissional de Psicologia mediante os impactos gerados pelo uso deste equipamento na vida destes adolescentes.

O presente trabalho pretende contribuir à sociedade, à academia e aos profissionais de Psicologia mediante a constatação de que a realidade tecnológica é um fenômeno emergente, principalmente na vida dos adolescentes, carecendo assim ser conhecido e estudado. Além disso, mediante a verificação da complexidade e a rapidez com que operam as mudanças neste campo, faz-se necessário estudo constante sobre o tema e seus efeitos sobre a vida humana buscando a produção de conhecimento e conseqüente subsídio para atuação. Nesse sentido, é imprescindível aos profissionais de Psicologia conhecer as interferências desta nova realidade na subjetividade humana, a fim de pautar sua atuação de forma consistente, responsável e adequada às mudanças contemporâneas e futuras.

### **1.1 Revolução da Internet: Impactos Subjetivos e Prática Psicológica**

A Revolução da Internet, vivida no início deste século tem proporcionado mudanças na organização psicológica contemporânea gerando profundas transformações devido à exposição e contato com essas novas tecnologias. Esta revolução gerou novos modos de organização social – virtual e em rede (CASTELLS, 1999) e um novo espaço no qual, “embora desprovido de materialidade física, proporcionou novas formas de vida a partir das telas dos computadores que lhes serviram de plataforma e via de acesso” (NICOLACI-DA-COSTA, 2002, p. 196).

O ciberespaço, que também é chamado de “rede” por Lévy, filósofo francês da cultura virtual contemporânea, é conceituado como o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores e, atualmente, dos celulares. “O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 1999).

Este novo espaço, criado a partir do uso da internet e desta nova organização social, colocou em operação novas necessidades, novas demandas, novas regras de produção, sociabilidade e sobrevivência. Como resultado de tudo isso emerge novas formas de agir e de viver que dão visibilidade aos processos de transformação das formas de ser, alterando não somente os comportamentos, mas também a constituição psíquica das pessoas.

Nicolaci-da-Costa (2002), psicóloga brasileira que pesquisa desde 1996 os impactos subjetivos das tecnologias da informação e telecomunicação, aborda como que a Revolução da Internet, marcada pela conexão dos computadores e, atualmente, os celulares em rede, pode alterar radicalmente os modos de pensar, de sentir, de perceber assim como organizar o mundo externo/interno e a forma de se relacionar com os outros e consigo mesmo do sujeito contemporâneo.

Esta pesquisadora aponta como resultado da Revolução da Internet a criação de novos comportamentos, novos conflitos e novas organizações subjetivas. Quanto aos novos comportamentos, são citadas as novas formas de pensar, de escrever, de aprender, de contrair e manter relacionamentos de todos os tipos, de amar, de adquirir conhecimento sobre si mesmo e gosto pela escrita *on-line*.

A mudança na forma de pensar tem culminado com um novo tipo de pensamento que deve ser ágil, integrado e relativizado. Esta agilidade característica dos dias de hoje acabou por gerar a pressa, onde há sempre a constatação de que há muito para conhecer em pouco tempo. Junto com a internet veio a integração do conhecimento proporcionado pela globalização e a relativização, consequência imediata do contato com múltiplas fontes de informação e de conteúdos, interação entre pessoas de contextos culturais diferentes.

O advento dos computadores e celulares pessoais em rede também proporcionou a dominância da escrita neste ambiente, que por permitir um grau de interatividade que a escrita impressa não faculta a escrita *on-line* pode ser usada como uma importante fonte de autocohecimento (LIMA, 2014). Como resultado deste fenômeno, a língua portuguesa tem sofrido alterações mediante a forma como tem sido usada neste ambiente, uma vez que, os usuários brasileiros da internet têm incorporado palavras inglesas à gramática portuguesa, gerando novos usos de linguagem e criando ao mesmo tempo uma nova língua híbrida: sintaxe portuguesa, palavras portuguesas e inglesas misturadas com acrônimos predominantemente ingleses, todos os tipos de abreviações (incluindo abreviações de palavras em inglês), todos os tipos de símbolo e, muitas vezes, ausência de acentuação (NICOLACI-DA-COSTA, 2006).

Os seus usuários habitam o espaço virtual e nele sentem, brincam, brigam, amam e odeiam, fazendo com que este lugar ocupe em suas vidas um espaço de recreação e um mediador das relações pessoais. Nesse sentido, as experiências virtuais, passam a assumir um importante aspecto do processo de subjetivação contemporâneo, mostrando capazes, inclusive de modificar a percepção que algumas pessoas têm de si mesmas (LEITÃO; NICOLACI-DA-COSTA, 2005).

Além de novos comportamentos, Nicolaci-da-Costa (2002) aponta novos problemas e

conflitos psicológicos como, por exemplo, o vício na internet, o estresse tecnológico, o excesso de informação, o sexo virtual, o isolamento e a depressão, os conflitos entre o prazer gerado pela vida *on-line* e a produtividade que dela se espera, assim como a emergência de novas formas de defesa da intimidade.

A exposição a um volume excessivo de informações superiores a real capacidade de absorção, e a falta de mecanismos de defesa próprios que sejam eficazes como forma de proteção, é apontado também como uma característica dos usuários atuais da internet. Como corolário desta realidade está a confusão, desorientação, a ansiedade e a superficialidade na elaboração destas informações. Nesse sentido, os usuários captam as informações na internet, mas não as transformam em um conhecimento pessoal e elaborado. Weil e Rosen (1997) citado por Leitão e Nicolaci-da-Costa (2005), abordam o sofrimento, o estresse e a dificuldade de concentração também como problemas advindos deste novo mundo informacional marcado pelo excesso.

E, no nível das novas organizações subjetivas, é apontado que o sujeito do século XXI, a exemplo do que acontece nos computadores, vivem como se fora em várias “janelas” abertas simultaneamente, ou seja, tendo “múltiplos eus”. E ainda, um homem que pensa, age, sente, faz uso da linguagem, se relaciona consigo próprio e com os outros e percebe o mundo de forma diferente da de seus predecessores, incluindo ele próprio antes de a transformação acontecer (NICOLACI-DA-COSTA, 2002).

O uso dos inúmeros recursos possibilitados pela internet – a comunicação em tempo real e à distância, o anonimato, o acesso fácil à informação, a realização simultânea de diferentes atividades, por exemplo – tem gerado em seus usuários a sensação de onipotência. A impressão de ter acesso a tudo e de que são capazes de tudo, tem levado, entretanto, estas pessoas a ignorar muitos dos limites do mundo real, fazendo com que se tornem cada vez menos resistentes às frustrações. Por outro lado, a sensação de superpoder pessoal no espaço virtual pode ser transformadora, uma vez que o exercício de outras formas de ser na rede pode ajudar a pessoa a ganhar confiança para lidar com os impasses ocorridos na vida *off-line* (tradução literal: fora de linha) (LEITÃO; NICOLACI-DA-COSTA, 2005). Este sentimento de superpotência pode estar relacionado ao fato de que na internet, todo mundo é responsável pela grade de programação. Há uma reciprocidade entre dar e receber. Pedreira (2006) afirma que apenas 40% da *web* (teia ou rede) é comercial, o restante é movido pela paixão e energia de pessoas anônimas. “A internet não tem dono. Na verdade, todos são donos. Donos do seu pedaço, donos do direito de contribuir para a tal maior biblioteca do planeta” (PEDREIRA, 2006, p. 44).

Devido à intensidade e rapidez com que ocorrem as relações virtuais, há o risco de



uma exposição excessiva e descuidada da intimidade, A autoexposição, por sua vez, faz com que a pessoa fique cada vez mais indefesa, dado que o ambiente virtual possibilita o rastreamento e registro das informações íntimas e pessoais. Uma vez gravadas e rastreadas, estas informações podem se tornar instrumento de controle nos relacionamentos afetivos. Nesse sentido, é possível perceber uma mudança radical nos conceitos de público e privado.

Atualmente, para além da autoexposição, está a invasão da privacidade, uma vez que “nossos hábitos são gravados, nossos nomes vendidos, nossos computadores são inundados por mensagens não solicitadas e vírus ameaçadores” (PEDREIRA, 2006). O acesso aos inúmeros sites, serviços e redes sociais proporcionados pelo uso da internet camuflados pelo slogan da liberdade de expressão e gratuidade, na verdade, são utilizados para rastreamento e arquivo de informações onde o próprio usuário, mesmo sem querer ou saber, repassa as informações. Os próprios usuários da internet alimentam a máquina de dados para depois tornar-se alvo cada vez mais preciso para vendedores (ZASSO, 2013). Em outras palavras, onde não há preço, a própria pessoa é a mercadoria!

Devido às inúmeras mudanças que tem ocorrido na subjetividade humana como consequência das revoluções tecnológicas, fica nítida a grande necessidade dos profissionais de Psicologia estudar, pesquisar e sistematizar conhecimentos a respeito desta nova subjetividade que se encontra em franco processo de construção a fim de pautar sua prática de forma consistente e adequada aos novos modos de subjetividade contemporânea e futura.

Leitão e Nicolaci-Da-Costa (2005), em pesquisa realizada com dezesseis psicoterapeutas que atuavam há mais de dez anos na cidade do Rio de Janeiro, reafirmam a necessidade de constante estudo sobre o tema, assim como defendem a necessidade do constante diálogo entre a pesquisa e a prática clínica, uma vez que, são os psicólogos clínicos quem vivem e estudam em primeira-mão mudanças subjetivas tão radicais e totalmente novas.

Esta pesquisa deixou evidente que os psicólogos clínicos encontram-se bastante desprotegidos e vulneráveis frente às mudanças o que acaba ocasionando sentimentos de insegurança, desorientação e falta de controle diante de pacientes que apresentam ao longo do processo psicoterapêutico histórias de suas experiências na rede. Além disso, verificou-se entre estes profissionais um sentimento de desânimo devido à falta de referências consistentes que embasem suas práticas como psicoterapeutas.

As novas experiências destes psicoterapeutas apontaram para um descompasso entre as teorias de abordagens clínicas e a prática contemporânea, ficando evidente a necessidade de flexibilizações, de relativizações, de revisão de técnicas e até mesmo desconstrução delas, pois nem sempre as ferramentas tradicionais têm sido eficazes na análise dos pacientes. Tal

situação fez com que estes profissionais repensassem os conhecimentos da Psicologia Clínica, os quais durante mais de um século, serviram de âncoras, se não seguras, ao menos relativamente estáveis para pensar a prática psicológica (LEITÃO, 2006).

A chegada da internet à clínica e a dificuldade em compreender as transformações subjetivas de seus pacientes gerou uma forte sensação de perda de controle sobre suas próprias práticas profissionais, assim como desorganização da atividade clínica atual. Frente a esta realidade, estes profissionais sentem-se muito inexperientes, inseguros e distantes daqueles pacientes que lhes relatam novas experiências. Contraditoriamente a este fato, crianças que se aventuram em jogos *on-line*, jovens e adultos que encarnam diferentes personagens e vivem encontros e desencontros amorosos na rede, são clientes que fazem cada vez mais parte da prática clínica contemporânea (LEITÃO; NICOLACI-DA-COSTA, 2005).

Diante do exposto, a Psicologia tem muito trabalho a ser feito, pois precisa estudar, registrar, e analisar os novos processos de subjetivação para que, do ponto de vista clínico, possa compreender esse novo paciente.

## 2 METODOLOGIA

O presente trabalho teve como proposta metodológica realizar uma pesquisa de campo de cunho exploratório quantitativo. Entretanto, no primeiro momento, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o tema a fim de reunir, gerar e ampliar os conhecimentos científicos a respeito do assunto e assim subsidiar a pesquisa proposta.

A pesquisa de campo visa o estudo de indivíduos, grupos, comunidades e instituições através da observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente na coleta de dados e nos registros de variáveis que se presumem relevantes para analisá-los. Ela é utilizada com o objetivo “[...] de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles” (MARCONI; LAKATOS, 2012, p. 69).

### 2.1 População pesquisada

Diante da impossibilidade de realizar um levantamento de dados com toda a população de um grupo, fez-se necessário um recorte deste universo. Nesse sentido, a amostra deste trabalho foi composta por sessenta e um adolescentes na faixa etária entre doze e dezoito anos, de ambos os sexos, residentes na cidade de Belo Horizonte ou em alguma cidade que compõe

a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). A escolha quanto ao sexo foi aleatória, todavia a faixa etária foi determinada a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), formalizado pela Lei N° 8.069, de 13 de Julho de 1990, que considera como adolescente a pessoa entre doze e dezoito anos de idade (BRASIL, 1990). E, o telefone celular foi escolhido como objeto de estudo em detrimento das outras formas de comunicação digital, por ser o representante principal da tecnologia móvel terrestre, por estar sempre em companhia do sujeito devido à sua mobilidade e seu caráter multifuncional permitindo ao seu usuário o acesso às diversas formas de comunicação em qualquer lugar e hora.

## 2.2 Procedimentos de Coleta de dados

Como instrumento de coleta de dados, foi proposto aos adolescentes que enquadravam nos requisitos descritos acima, responderem um questionário. O questionário utilizado era autoexplicativo, composto por vinte e uma perguntas fechadas e elaboradas a partir de objetivos pré-definidos com o intuito de levantar dados que possibilitassem o alcance dos objetivos desta pesquisa confirmando ou refutando as hipóteses levantadas inicialmente.

As perguntas de número 01 a 04 visaram à identificação do pesquisado (sexo, idade, escolaridade e o tipo de escola que estuda – pública ou privada). As de número 05 até a 11 buscaram a caracterização do participante como usuário do telefone celular (se possui ou não o equipamento, que idade tinha quando ganhou o primeiro, se possui ou não acesso à internet através deste dispositivo, qual a frequência de uso diário e os aplicativos preferidos); as perguntas de número 12 a 15 propuseram verificar o lugar que este dispositivo ocupa na vida destes adolescentes (qual o grau de importância e nível de interesse pelo equipamento assim como as reações diante da possibilidade de ficar sem ele). De 16 a 19, as perguntas foram voltadas para a dimensão dos relacionamentos dos adolescentes a partir do uso do telefone celular (com qual tipo de pessoa se relaciona mais por meio deste dispositivo – familiares, amigos, namorado (a) ou desconhecidos -, qual a frequência de uso de acordo com o local em que se encontra – na escola, em casa e na casa dos amigos -, e com quem se encontra – familiares e amigos. Já as perguntas de número 20 e 21 foram respondidas somente pelo participante que possuía telefone celular, mas que este não possibilitava o acesso à internet (se o adolescente tinha vontade de ter um dispositivo que possibilitasse este tipo de acesso e por qual motivo ele não tem acesso à *web* por meio do telefone celular – pais não deixam, não tem condições de ter ou nunca pediu aos pais).

O acesso aos adolescentes foi realizado por meio da rede social da pesquisadora, ou seja, foi repassado aos colegas de escola, trabalho e amigos cópias do questionário que foram respondidos pelos adolescentes conhecidos destas pessoas e, após o preenchimento, eram repassados novamente para a pesquisadora para a realização da tabulação e análise dos dados.

Dos sessenta e um questionários respondidos, dezenove foram aplicados diretamente pela pesquisadora e o restante, correspondente a 42 questionários, teve um ou mais mediadores entre a pesquisadora e o adolescente participante. Cabe ressaltar que também fez parte deste processo a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por aqueles que concordaram em colaborar com a pesquisa.

Após o processo de coleta de dados, foi realizada a tabulação dos mesmos de maneira informatizada.

### 3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa apontaram que o telefone celular tem se modificado ao longo de sua história e que a criação dos *smartphones* ocasionou uma mudança radical no conceito deste equipamento gerando maior procura e interesse pelo dispositivo, não só por parte dos adolescentes, população alvo desta pesquisa, mas também pelas crianças, uma vez que o acesso ao aparelho tem acontecido frequentemente ainda na infância. Este dado pôde ser encontrado a partir da correlação entre a idade atual dos pesquisados e a faixa etária em que ganharam o primeiro telefone celular, o que comprovou que quanto mais novo o adolescente (entre 12 e 16 anos), mais cedo ele ganhou o aparelho (entre 09 e 12 anos). Este dado nos mostra que atualmente o acesso ao telefone celular está acontecendo ainda na infância, pois de acordo com o ECA, é considerado criança a pessoa com até doze anos incompletos (BRASIL, 1990).

Embora o telefone celular tenha funções diferentes na vida das crianças e dos adolescentes digitais devido à faixa etária e necessidades cotidianas, é possível perceber que para ambos este equipamento aparece como um objeto de prazer, de curiosidade, de diversão e lazer. Nesse sentido, o telefone celular tem sido amplamente utilizado como um brinquedo extremamente lúdico na vida destes grupos. Tapscott citado por Leitão e Nicolaci-da-Costa (2005), analisou minuciosamente o comportamento de crianças e jovens na rede e seus estudos revelaram o prazer com que estes habitam este ambiente fazendo dele uma espécie de *playground* (terreno de recreação) virtual. As constatações de Tapscott foram reafirmadas pelos resultados encontrados nesta pesquisa, uma vez que as crianças cada vez mais se inte-

ressam por jogos *on-line* e os jovens cada vez mais interagem a partir dos inúmeros *apps* (aplicativos) e *blogs* (tradução livre: diário *on-line*) disponíveis na *web* passando assim cada vez mais tempo conectados, principalmente via telefone celular.

Além disso, os resultados desta pesquisa apontaram que a criação dos *smartphones* e a consequente adaptação do mercado às novas demandas têm provocado atualmente uma horizontalização quanto à posse, uso e acesso à internet por meio do telefone celular independentemente da classe social que o sujeito pertence. Este dado pode ser reforçado nos resultados obtidos pela pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo este instituto, ao observar o percentual de pessoas que utilizaram a internet em cada classe de rendimento mensal domiciliar per capita, nota-se que, quanto maior a classe de rendimento, maior o percentual de internautas. Registra-se, entretanto, que o percentual de pessoas que utilizaram a internet aumentou em todas as classes de rendimento mensal domiciliar per capita, sobretudo nas classes de rendimento mais baixo. Foi observado, em todos os anos de realização da pesquisa, que a classe de rendimento mensal domiciliar per capita de mais de três a cinco salários mínimos foi a que apresentou o maior percentual de pessoas que acessaram a internet, superando, inclusive, a classe de mais de cinco salários mínimos (IBGE, 2013).

Somado a esta realidade, a pesquisa também apontou para o fato de que as mulheres são a maioria entre os detentores e usuários do telefone celular, demonstrando assim que a utilização e intensidade do uso deste equipamento variam de acordo com o gênero, realidade que merece estudo mais aprofundado.

Quanto à frequência do uso do telefone celular, os resultados revelaram que os adolescentes utilizam muito o equipamento passando mais da metade de seu dia (66,6%) conectados à internet se comunicando prioritariamente através do *Whats App*, *Facebook* e *Instagram*. Com o advento do acesso à internet via telefone celular, esse dispositivo passou a ocupar um espaço ainda mais significativo na vida dos seus usuários. A interação passou a ser possível não só com pessoas conhecidas e próximas, mas também com pessoas desconhecidas e que estão muito longe. Essa nova modalidade de interação social passou a propiciar relacionamentos virtuais onde afinidades são exploradas a médio ou longo prazo, requerendo assim que os usuários passem longos períodos de tempo conectados (NICOLACI-DA-COSTA, 2006).

Devido ao excesso de tempo *on-line*, muitas são as implicações decorrentes, tais como a redução do contato “real” com as pessoas podendo ocasionar prejuízos à vida e aos relacionamentos reais dos usuários causando assim esterilidade subjetiva (LEITÃO; NICOLACI-DA-COSTA, 2005), redução no tempo destinado ao sono acarretando cansaço e estresse crô-

nico, assim como os prejuízos decorrentes da falta de dormir. A insuficiente dedicação de tempo aos estudos pode gerar baixa produtividade na escola e até mesmo diagnósticos equivocados, tais como Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), por exemplo. O ato de alimentar-se também tem sido afetado, uma vez que as pessoas dividem sua atenção com o telefone celular, fazendo com que, muitas vezes, comam além ou aquém do que é realmente necessário. A partir destas alterações cotidianas provenientes do uso das novas tecnologias na vida das crianças e adolescentes digitais, é possível perceber que as inovações tecnológicas têm impactado diretamente no desenvolvimento destes, uma vez que atividades extremamente importantes para a maturação física e psíquica têm sido afetadas.

Além da conexão à internet e acesso às mais variadas formas de comunicação *on-line*, esta pesquisa também apontou que os adolescentes utilizam o telefone celular frequentemente para falar com as pessoas, enviar mensagens, tirar fotos e como despertador. Raramente o usam para gravar vídeos, utilizar o calendário e a calculadora. Já na função de jogar, os homens valem-se do equipamento mais que as mulheres e de acordo com o aumento da idade do jovem, este tende a jogar menos, embora não abandone o hábito totalmente. Este dado reforça a ideia de que o telefone celular e acesso à internet estão intimamente relacionados a atividades prazerosas e lúdicas.

Esta pesquisa também revelou que os adolescentes atribuem ao telefone celular um lugar de muita importância em sua existência, uma vez que se interessam bastante pelo equipamento, o utilizam constantemente e diante da possibilidade de ficarem sem o aparelho são invadidos por reações de raiva, estresse, desespero e ansiedade. Estes dados comprovam a hipótese inicialmente levantada neste trabalho que é a de que o telefone celular tem se tornado cada dia mais um aparelho indispensável à vida cotidiana atual e que tem se estabelecido uma relação de dependência com este equipamento.

Quanto ao impacto do uso do telefone celular nas relações dos adolescentes com amigos, familiares e escola, os resultados desta investigação apontaram que os pesquisados se relacionam preponderantemente com os amigos e não com os familiares via telefone celular. Este resultado revela uma tendência que as novas tecnologias de uso pessoal têm gerado nas relações cotidianas, pois se usadas excessivamente, ocasionam o afastamento das pessoas que estão geograficamente perto e a aproximação das que estão geograficamente longe. Mediante esta tendência das relações contemporâneas, o acompanhamento dos pais junto a estes adolescentes torna-se fundamental, uma vez que esta realidade possui um caráter extremamente ambivalente. Se de um lado a posse e uso do telefone celular têm contribuído com o processo de subjetivação dos jovens uma vez que possuir um dispositivo moderno tornou-se forma de

pertencer a grupos, assim como forma de separação e diferenciação dos pais, tarefa indispensável para a constituição identitária do sujeito (VERZA, 2008 b), por outro, a via digital pode causar um afastamento cada vez maior dos pais com seus filhos.

Quanto ao uso do telefone celular durante a aula, os resultados revelaram uma divisão ou até mesmo desorientação por parte dos adolescentes, uma vez que, embora exista a lei regulamentadora do uso do equipamento neste ambiente – Lei N° 14.486, de 9 de dezembro de 2002 (BRASIL, 2002) – a aplicação dela fica condicionada à cada instituição de ensino, gerando assim muita despadronização. Frente a esta realidade, cabe aqui uma reflexão por parte das instituições de ensino, dos pais e do governo, para que juntos, busquem medidas que efetivem a padronização do uso deste equipamento no ambiente escolar, e das penalidades para o descumprimento das normas fornecendo assim orientações precisas a fim de minimizar a confusão que permeia o cotidiano destes adolescentes neste ambiente.

Outro dado relevante encontrado nesta pesquisa é o fato de que os adolescentes têm usado a via digital, principalmente, o telefone celular, para comunicar-se independentemente se estão fisicamente longe ou perto uns dos outros. Jean Baudrillard, citado por Quinet (2014) reafirma os resultados encontrados nesta pesquisa, pois assegura que vivemos atualmente em uma espécie de evidência do consumo e da abundância, criada pela multiplicação de objetos, na qual as pessoas não se cercam mais de outros homens e sim de objetos (tvs, carros, computadores, fax, telefones). Suas relações sociais não estão centradas nos laços com outros homens e sim na recepção e manipulação de bens e mensagens. Nesse sentido, os adolescentes deste século têm trocado a relação face a face pela relação digital.

Quinet (2014) também afirma que o discurso capitalista efetivamente não promove o laço social entre os seres humanos: ele propõe ao sujeito a relação com um *gadget* - um objeto de consumo curto e rápido. Nesse sentido, o telefone celular tem ocupado um lugar de *gadget* na sociedade contemporânea, onde supostamente tem facilitado a relação entre as pessoas, porém, efetivamente, o laço social não tem ocorrido. Daí o caráter muitas vezes superficial que os relacionamentos virtuais são caracterizados.

A partir dos resultados desta pesquisa, também é possível afirmar que o telefone celular tem assumido diferentes funções na vida dos adolescentes digitais, a saber, como passa tempo e preenchimento deste quando não há coisas interessantes a serem feitas, assim como um modo de fuga, afastamento e distanciamento do outro, fazendo com que a relação modo face a face diminua ou venha a ser substituída pela interação digital mediada por vários dispositivos, inclusive o telefone celular. Nesse sentido, é possível afirmar que os jovens contemporâneos têm sofrido de um autismo social, termo usado por Quinet (2014), induzido pelas

novas tecnologias, comportamento amplamente adotado atualmente tornando-se, inclusive um modelo da nossa civilização.

Este autismo social induzido promovido pelo discurso capitalista citado por Quinet (2014) agencia a economia do desejo do outro e estimula a ilusão de completude não mais com a constituição de um par, e sim com um parceiro conectável e desconectável ao alcance da mão. Nesse sentido, o contato físico é prescindível, uma vez que o adolescente usuário da internet tem a sensação de que as os *links* visitados na internet são capazes de preencher todo vazio e extinguir a solidão.

As experiências *on-line* também têm criado novas percepções da imagem corporal. Por prescindirem de contato físico, o espaço virtual faz com que o corpo real não seja mais um obstáculo para a vida humana e nesse sentido, estas pessoas experimentam sensação de ausência do corpo real. Em outros momentos, entretanto, sob a proteção do anonimato e comunicação realizada apenas por meio de textos, o usuário inventa um corpo virtual segundo seus desejos e fantasias. Com o corpo camuflado, a pessoa pode revelar a imagem idealizada que quiser. Nesse sentido, a rede propicia uma descontinuidade do corpo real e uma imagem corporal idealizada (LEITÃO; NICOLACI-DA-COSTA, 2005). Estas questões relativas à percepção do corpo na internet vêm colocando seus usuários diante da desconstrução de limites – físicos e imateriais – que antes serviam de moldura para os processos de subjetivação.

Esta relação da internet com o corpo, que é percebida e vivida pelos milhões de usuários de forma singular e subjetiva, pode estar intimamente relacionada ao fato de que estamos vivendo em uma cultura baseada em compartilhamento, cujas consequências são ainda em parte desconhecidas devido à nova forma de pensar: parte humana, parte máquina (PEDREIRA, 2006).

Frente aos resultados encontrados e apresentados neste trabalho assim como a articulação com os estudiosos do tema, constata-se que muitos são os impactos cotidianos do uso do telefone celular como via de acesso ao ciberespaço na vida dos adolescentes e também que muitos são os desafios que se impõem àqueles que investigam as transformações subjetivas introduzidas pela rede, uma vez que é um fenômeno sociocultural novo, que se expande de forma rápida e fluida, na medida em que, cada vez mais cedo faz parte do cotidiano contemporâneo.

Nesse sentido, entendendo que a Psicologia se preocupa fundamentalmente com as manifestações da forma de ser do ser humano e suas implicações psíquicas, esta ciência ainda tem muito trabalho a ser feito. Mediante estas mudanças sociais e subjetivas assim como o ineditismo do fenômeno, fica nítido a necessidade de trabalho constante dos profissionais de



Psicologia a fim de conhecer melhor esta nova subjetividade em construção assim como produzir novos conhecimentos a fim de pautar sua atuação de forma consistente e adequada amenizando assim, os conflitos e as dificuldades enfrentadas por estes profissionais e clientes na prática clínica.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apontaram que os adolescentes passam mais da metade de seu dia conectados à internet e atribuem ao telefone celular um lugar de muita importância em sua existência chegando a estabelecer com ele uma relação de dependência. Sinalizaram também que o acesso ao telefone celular tem ocorrido ainda na infância, que sua posse independe de classe social, que este dispositivo tem assumido diferentes funções na vida dos adolescentes contemporâneos e que eles têm usado principalmente a via digital para comunicar-se ocasionando a diminuição da relação face a face.

Estes resultados comprovam que a partir do advento da internet e uso das novas tecnologias, o modo de se comportar, pensar, agir e se relacionar dos adolescentes digitais estão sofrendo alterações sendo possível afirmar, portanto, que a utilização das novas tecnologias tem como efeito a produção de novos modos de subjetividade e comportamentos condizentes com a nova organização subjetiva contemporânea – fluida e em constante transformação.

Conhecer esta nova subjetividade em construção a partir da difusão e uso das novas tecnologias, assim como seus corolários, portanto, configuram-se como os atuais desafios do profissional de Psicologia, pois se enquanto profissionais não acreditarmos que o ser humano está sendo impactado pelas transformações radicais que o mundo vem sofrendo, corremos o risco de perder a capacidade de estudá-lo, descrevê-lo, interpretá-lo, compreendê-lo e, consequentemente, ajudá-lo.

#### REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. **Telefonia Móvel** – Acessos. Brasil, ANATEL, 2015. Disponível em: <[http://www.anatel.gov.br/dados/index.php?option=com\\_content&view=article&id=283](http://www.anatel.gov.br/dados/index.php?option=com_content&view=article&id=283)>. Acesso em: 29 set. 2015
- BRASIL. Lei N° 8.069, de 13 de Julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da criança e do adolescente. **Diário Oficial da União**, Brasília 13. jul. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)>. Acesso em: 29 set. 2014.

BRASIL. Lei N° 14.486, de 9 de dezembro de 2002. Disciplina o uso de telefone celular em salas de aula, teatros, cinemas e igrejas. **Palácio da Inconfidência**, Belo Horizonte 09. Dez. 2002. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/143653.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2015

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 698 p. (A era da informação. Economia, sociedade e cultura; 1)

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. 375 p.

DI ROCHA, Náíade Souza **A história da telefonia celular no Brasil**. Wireless Brasil, 2014. Disponível em: <<http://www.wirelessbrasil.org/wirelessbr/colaboradores/naiade/historia.html>>. Acesso em: 22 ago. 2014.

HAYKIN, Simon S.; MOHER, Michael. **Sistemas modernos de comunicações wireless**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2008. x, 579 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por amostra de domicílios 2011**: Acesso à Internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal: Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000012962305122013234016242127.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2014.

JÚNIOR, Edgard. **UIT diz que número de celulares no mundo passou dos 7bilhoes em 2015**. Rádio das Nações Unidas, Nova York, 2015. Disponível em: <<http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/2015/05/uit-diz-que-numero-de-celulares-no-mundo-passou-dos-7-bilhoes-em-2015/#.VgrdBvIViko>>. Acesso em: 29 set. 2015

LEITÃO, Carla Faria. Solidão e desorientação na prática clínica. In: **Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação**. Rio de Janeiro: PUC Rio, São Paulo: Loyola, 2006. 206 p.

LEITÃO, Carla Faria; NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Impactos da internet sobre pacientes: a visão de psicoterapeutas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.10, n. 3, p. 441-450, set./dez. 2005

LEMO, André; JOSGRILBERG, Fábio et al. (Org.). **Comunicação e mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil**. Salvador: Ed. UFBA, 2009. 156 p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. 260 p.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. – 6. reimp. – São Paulo: Atlas, 2012. 277 p.

LIMA, Nádya Laguárdia de. **A escrita virtual na adolescência**: uma leitura psicanalítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 423 p.

MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos. O jovem no centro da dimensão oculta da internet. In: **Cabeças digitais**: o cotidiano na era da informação. Rio de Janeiro: PUC Rio, São Paulo: Loyola, 2006. 206 p.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. – 6. reimp. – São Paulo: Atlas, 2012. 277 p.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Internet: uma nova plataforma de vida. In: **Cabeças digitais**: o cotidiano na era da informação. Rio de Janeiro: PUC Rio, São Paulo: Loyola, 2006. 206 p.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 20, n. 2, p. 165-174, mai/ago. 2004.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 18, n. 2, p. 193-202, mai/ago. 2002.

PEDREIRA, Jaqueline. Rede de pessoas. In: PEDREIRA, Jaqueline. **Cabeças digitais**: o cotidiano na era da informação. Rio de Janeiro: PUC Rio, São Paulo: Loyola, 2006. 206 p.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. **Padrão Puc Minas de Normalização**: normas da ABNT para apresentação de projetos de pesquisas. Pró-reitoria de graduação. Elaboração Helenice Rêgo dos Santos Cunha. Belo Horizonte: PUC Minas, 2010. 50p. Disponível em: <[http://www.pucminas.br/documentos/normalizacao\\_projetos.pdf](http://www.pucminas.br/documentos/normalizacao_projetos.pdf)>. Acesso em: 22 ago. 2014.

PRIMI, Lilian. Reprodução na sociedade do conhecimento. In: **Democracia Digital?** Ano XVII, edição especial n° 65, São Paulo, 2013.

QUINET, Antônio. **A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade**. 2014. Disponível em: <[https://lacanian.memory.online.fr/AQuinet\\_Ciencia.rtf](https://lacanian.memory.online.fr/AQuinet_Ciencia.rtf)>. Acesso em: 04 abr. 2014.

RAPPAPORT, Theodore S. **Comunicação sem fio**: princípios e práticas. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009. 409 p.

RIBEIRO, Walber Rezende. **Asterisk com café**: telefonia digital. São Paulo: Digital Publish & Print, 2012. 143 p.

VERZA, Fabiana. **O telefone celular e o adolescente**: sua utilização e repercussões na família. In: III Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação PUCRS, 2008 b. Porto Alegre: PUCRS, 2008. 3 p. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/online/IIImostra/Psicologia/62338%20-%20FABIANA%20VERZA.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2014.

ZASSO, Mariel. Troca-se dados pessoais por relações humanas. In: **Democracia Digital?**  
Ano XVII, edição especial n° 65, São Paulo, 2013.